

## EDITORIAL

### Aos antepassados fundadores

Marcio Marchioro<sup>1</sup>

Todo empreendimento deve passar por reformulações! Quando entrei na Revista Vernáculo, nos idos de 2003, já observei uma série de mudanças que haviam sido implantadas no sentido de aperfeiçoar seus canais de comunicação. Explico melhor. Inicialmente, a Revista Vernáculo era um periódico voltado em sua essência para o público da História. Além do mais, todos os membros da primeira Comissão Editorial eram graduandos da área, apesar de sempre estarem dialogando em seus trabalhos com outras disciplinas das Humanas – como ficou evidente na primeira edição da revista que já está esgotada.

Com tempo tudo foi se alterando. Eu tive o privilégio de conhecer quase todos os antigos integrantes da Vernáculo, alguns apenas por brevíssimos momentos. Talvez movidos pelo estímulo dos seus trabalhos e/ou pelas amizades acadêmicas, os graduandos fundadores da Revista, resolveram ampliar o escopo dela. Até os dias de hoje, então, e, quiçá para o futuro, projeto eu, a Revista Vernáculo assumiu uma postura de diálogo mais amplo. Desde do seu número 4 – formado por um Dossiê Norbet Elias –, o projeto de publicar artigos de todas as disciplinas das Humanidades se tornou efetivo. Agora não havia mais prioridade para a História; agora o perfil inicial tinha se reestruturado definitivamente – por mais que essa idéia provavelmente já estava colocada na primeira reunião da Revista, acredito que ela só se efetivou no número 4.

Não faço, contudo, com essas palavras uma apologia por si só da Revista. É claro se ainda continuo na Comissão Editorial dela acredito na sua postura atual. A reflexão que tento fazer aqui, no entanto, é mais profunda. Parece uma obviedade o que vou dizer, mas todos os espaços em que estamos inseridos prescrevem uma série de rivalidades e jogos de poder. Muitas vezes, porém, esses jogos de disputa sem freio fazem com que o ideal da parceria seja jogado na lata de lixo por motivos de puro interesse individual. Acredito que a Revista Vernáculo sempre teve, e sempre terá, eu espero, o ideal da parceria como motor de suas publicações. Não falo aqui puramente na parceria individual entre membros integrantes dela. Não. A Revista Vernáculo contribui, apesar da sua simplicidade publicitária, quase artesanal, para a tentativa de se abrir canais de comunicação mais amplos, como já disse. Englobar e misturar disciplinas das

---

<sup>1</sup> Graduando/UFPR.

Humanidades é uma tarefa digna de elogios, apesar de aqui eles serem internos e, por isso, tendenciosos.

Muitos temem aproximações. Muitos temem que a identidade de suas disciplinas seja desfigurada quando entrar em contato com uma outra. Acho que cada um deve ficar com suas perturbações. Respeito a diversidade de opiniões em relação à definição de fronteiras acadêmicas. Entretanto, eu, assim como a Revista Vernáculo, acreditamos na mistura, acreditamos na possibilidade de dialogar com áreas com visões distintas sobre a Humanidade e com projetos políticos e acadêmicos distintos. Não estou aqui querendo ser conselheiro de ninguém, mas acredito que todo leitor dessa publicação, por mais fiel ou esparso que ele for, deve pensar nisto. Ninguém quer ficar falando para si mesmo. Não é produtivo para nenhuma área ou sub-área das ciências acadêmicas fazer diálogos fechados sem interferências externas. Não há razão para isso acontecer, só interesses de pura manutenção do *status quo* da disciplina, o que inclui posições acadêmicas de poder, jogando, desse modo, a idéia de parceria e diálogo na lata do lixo.

Dito dessa forma parece que estou aqui simplesmente a elogiar um projeto do qual faço parte como um publicitário de quinta categoria. Não minha intenção primeira não é essa. O que eu pretendo dizer aqui são apenas palavras de incentivo a outros projetos que incluam o diálogo como premissa básica. Não estou aqui a falar especificamente de revistas científicas, mas sim de grupos de estudo, grupos de pesquisa, dentre outras possibilidades. A Vernáculo tem seus problemas, não deixo de dizer isso, como todo periódico científico no Brasil tem. Contudo, meu objetivo ao escrever este sucinto editorial é reconhecer e elogiar a atitude de seus membros fundadores. Não é, então, o meu projeto que aqui venho fazer apologia. É o deles, o qual eu, admirado positivamente pela idéia, comprei, como muitos outros fizeram, seja mandando seus artigos e resenhas para Revista, seja sendo membro efetivo dela, ou comprando um dos seus exemplares. Todos esses sujeitos, anônimos ou não, apostaram no diálogo. Como eu também fiz um dia, nos idos de 2003.